

# Nordeste brasileiro: insurreições, representações culturais e fragmentação política

CAROLINE DO SOCORRO DA SILVA GOMES  
LUIZ FELIPE DE SOUSA GOMES  
LARISSA JANUÁRIO DE CASTRO  
MÔNICA DIAS MARTINS

**RESUMO:** Nosso objetivo é discutir as imagens do Nordeste no cenário brasileiro. Temos como foco a percepção das fragmentações políticas que tensionam a comunidade nacional, contribuindo para as desigualdades entre as regiões que a integram. Pretendemos oferecer elementos que estimulem o exame da nação e das regiões como construções sociais, adquirindo novos significados no campo discursivo das ciências humanas. Nossa perspectiva teórico-metodológica está pautada em representações culturais do Nordeste brasileiro insurgente e na fragmentação política das regiões que integram uma mesma comunidade nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nação. Região. Imaginação. Fragmentação.

---

## CAROLINE DO SOCORRO DA SILVA GOMES

Graduanda em História na Universidade Estadual do Ceará (UECE).  
E-mail: caroline.silva@aluno.uece.br

---

## LUIZ FELIPE DE SOUSA GOMES

Graduando em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista de iniciação científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).  
E-mail: luiz.sousa@aluno.uece.br

---

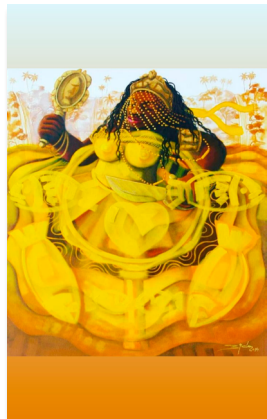
## LARISSA JANUÁRIO DE CASTRO

Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista de iniciação científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).  
E-mail: larissa.januario@aluno.uece.br

---

## MÔNICA DIAS MARTINS

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGPP) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenadora da rede de pesquisadores Observatório das Nacionalidades (ON) e editora da revista *Tensões Mundiais*.  
E-mail: monica.martins@uece.br



## Northeast of Brazil: insurrections, cultural representations and political fragmentations

**ABSTRACT:** Our main objective is to discuss about the images of the region in the national scene, focusing on the perception of the fragmentation that stresses the regions and contributes to the superiority of one over the others. Our theoretical-methodological perspective is based on the insurgent NE, cultural representations and political fragmentation. We will analyze the images of the Northeast in the nation, and the factors that contributed to the devalued view of other regions towards this territory.

**KEYWORDS:** Nation. Region. Imagination. Fragmentation.

---

RECEBIDO:23/12/2022

---

APROVADO:09/02/2023

## 1 Introdução

O presente artigo é fruto das inúmeras inquietações que surgem da pesquisa em curso sobre as relações entre nação e região, desenvolvida pelo Observatório das Nacionalidades (ON)<sup>1</sup>, no âmbito do convênio de cooperação acadêmica celebrado entre a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade Nacional da Patagônia Austral (UNPA), com apoio de um projeto de iniciação científica da UECE. Nas reuniões e encontros sistemáticos de nosso grupo de estudos, procuramos novos aportes para pensar a complementariedade, muitas vezes esquecida, entre regionalismo, nacionalismo e internacionalismo.<sup>2</sup>

Escrever acerca da formação da nação brasileira é um desafio interessante quando percebemos a constante tensão entre as questões regionais e nacionais. O Brasil é composto por áreas populosas que se diferenciam na cultura, na alimentação e, até mesmo, nos distintos sotaques da língua portuguesa. A percepção dos profundos laços entre as distintas regiões e a nação que integram tem sido, quase sempre, postergada na abordagem daqueles que estudam as comunidades nacionais. Entender essa equação — cuja origem etimológica significa repartição igual e que entendemos como uma igualdade que envolve uma ou mais incógnitas (aquilo que se desconhece e se busca saber) — requer considerar os processos multifacetados de construção das nacionalidades. Nações resultam da integração mundial de um sistema de produção de bens materiais e imateriais e se consolidam mediante o estabelecimento de um território, delimitado por relações de poder. No ambiente histórico de emergência da nação, o capitalismo avançado e os elementos da natureza, usualmente pensados como recursos — terra, água, minério, vegetação, fauna — têm estado no cerne das desigualdades entre regiões de um mesmo território nacional, dos conflitos bélicos entre Estados-nação e das crises ambientais que transcendem as fronteiras nacionais.

---

1 Rede de pesquisa formada por alunos e professores de diversos cursos que pesquisam militares, nacionalismos, internacionalismos e imigrantes.

2 O grupo Nação e Região é um coletivo composto por alunos da graduação da UECE, que desenvolve pesquisas sobre o Nordeste brasileiro no imaginário nacional e busca amadurecer ideias para produções científicas e possíveis carreiras em cursos de pós-graduação.

Nosso grupo trabalha com a transdisciplinaridade do conhecimento; portanto, não nos prendemos a convenções metodológicas dos cânones científicos. Essa perspectiva nos deixa mais livres para reconhecer que os estudos transitam por diversos conteúdos temáticos. A transdisciplinaridade se preocupa com o diálogo entre as disciplinas e promove a cooperação entre as diferentes áreas do conhecimento e seus dispositivos (IRIBARRY, 2003).

Com ênfase no Nordeste brasileiro, nosso principal objetivo é discutir acerca das imagens da região no cenário nacional, focando na percepção da fragmentação que tensiona as regiões e contribui para a superioridade de uma sobre as outras. Atualmente, notam-se vários discursos em relação à região, alguns dos quais destacam o atraso e o subdesenvolvimento como problema que ameaça a unidade nacional; outros, em oposição, realçam a imagem de resistência, fruto das lutas sociais desde o tempo da colônia.

Vamos debater a respeito de um Nordeste imaginado e real. Nossa perspectiva teórico-metodológica está pautada nas representações culturais do Nordeste insurgente e a fragmentação política das regiões que integram uma mesma comunidade nacional. Examinamos a interpretação do Albuquerque Junior (2011) acerca da invenção do nordeste e cuja obra ressalta que a busca pela identidade nacional, nos anos 1930, incentivou em larga escala a escrita de inúmeras obras regionais que denunciaram as mais diversas mazelas. Todo esse conteúdo foi propagado no Sudeste e alimentado, até os dias de hoje, imagens de seca e miséria (ALBUQUERQUE JR, 2011).

Baseamos nossos estudos no conceito de “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson (2008). A imaginação é a sua principal fonte de inspiração, a matéria-prima para desenvolver um método de análise das coletividades nacionais. O autor descreve o surgimento do nacionalismo, a partir de uma construção coletiva, um misto de cultura e política. A imaginação tece redes de significados capazes de moldar ações coletivas e individuais, alimenta nossos desejos e sonhos, sendo combustível da realidade que permeia e retroalimenta nossas existências. Neste percurso, temos o campo do imaginário, muito bem definido como uma dimensão intangível, mas capaz de definir nossas identidades, as aspirações

de um povo, o reconhecimento de uma vivência compartilhada. Anderson (2008), então, reflete sobre o conceito de comunidade política imaginada para teorizar o fenômeno das nações, da nacionalidade e do nacionalismo.

Conforme Martins e Gomes (2022), a definição de “comunidades imaginadas” também abarca o fenômeno da regionalidade, pois assim como as nações, as regiões produzem um imaginário próprio de fraternidade, definidor de uma identidade espacial comum e orientador de nossa representação e de nossas ações enquanto povo. A construção do ideário acerca da nação não se encerra na fraternidade, ela também é zona de conflitos. No caso da comunidade brasileira, a unidade nacional não se sustenta em sua plenitude, pois presenciamos estigmas históricos, como racismo, xenofobia, intolerância religiosa e homofobia ainda muito presentes na cultura e na sociedade. Esses preconceitos são heranças da colonização violenta e opressora da coroa portuguesa. Não podemos construir uma nacionalidade fraterna e harmoniosa sem levar em conta esse contexto revelador das contradições de uma nação que nunca superou suas fissuras socioculturais e regionais. Assim, neste artigo, discutimos a fragmentação da comunidade política imaginada como sendo o Brasil, com especial interesse na região nordestina.

A partir destas considerações iniciais, pretendemos oferecer elementos que ajudem a compreender as relações entre nação e região, como construções sociais, que adquirem novos significados no campo discursivo das ciências humanas, tendo como campo empírico o Nordeste brasileiro. Analisamos de que modo a região vem sendo imaginada no cenário nacional, a partir das três seções que compõe este artigo. Na primeira delas, contextualizamos algumas revoltas desde os tempos das colônias até os dias de hoje, como fatores que constituíram a ideia de “região problema” e que precisava ser punida por seus atos rebeldes, bem como o olhar de força e resistência frente a agentes internos e externos. Na seção seguinte, observamos como certos símbolos da manifestação nordestina são construídos através da literatura, música, pintura e novelas, se perpetuando no imaginário nacional. Elencamos como atores desta representação os intelectuais do

movimento regionalista de 1930 e Luiz Gonzaga. A terceira seção, por fim, traz alguns fatos da conjuntura política que nos permitem refletir mais acuradamente sobre as fraturas da coesão nacional, que vêm se intensificando nas recentes disputas eleitorais.

## **2 O Nordeste heroico: Processos de luta e resistência<sup>3</sup>**

Nesta seção, estaremos imersos nem um Nordeste insurgente. Historicamente, este território litorâneo e de sertão foi o primeiro a ser colonizado e grandemente explorado. Os povos originários que aqui habitavam não toleravam qualquer imposição e sempre combateram fortemente a subordinação portuguesa. A tensão que ainda fragmenta a unidade nacional é uma das heranças dos embates e conflitos que surgiram no período colonial e posteriormente na República.

A comunidade política imaginada apresentada por Anderson (2008) abarca uma série de dispositivos, que juntos formam a identidade de uma nação. Um destes dispositivos é a história oficial, que seleciona o que considera como sendo os melhores momentos, datas, documentos, fotografias e mapas. Essa história oficial é também quem elege mitos e lendas sobre os heróis nacionais. Esses dispositivos compõem os símbolos da narrativa comum nacional, resultado de um extenso processo social de conflito entre as mais variadas regiões e os diferentes povos.

Na construção da unidade nacional, estes conflitos entre o poder estatal e os insurgentes foram rapidamente esmagados de forma brutal e solucionados, de forma política. Contudo, permaneceram na memória popular como um elo de identificação regional. Nos dias atuais, podemos ver as rupturas causadas pelos desígnios do passado e, a seguir, elencamos algumas lutas sociais que revelam a formação de uma comunidade brasileira fragmentada.

---

3 Esta seção contém as contribuições de três pesquisadores do Observatório das Nacionalidades. Agradecemos o levantamento e compartilhamento de informações, referências e textos aos estudantes Amanda Myrella da Silva Gomes, Caroline do Socorro da Silva Gomes e Luiz Felipe de Sousa Gomes.

## 2.1 Resistência dos povos-testemunho que habitavam a Mata Atlântica<sup>4</sup>

Abrangendo quase toda região Nordeste (à exceção do Maranhão) e alcançando outros nove estados brasileiros, a Mata Atlântica, bioma que ocupa 1,35 milhão de quilômetros quadrados (cerca de 16% do território), vem sendo intensamente explorada desde a época colonial, devido à qualidade da madeira, utilizada em construções navais e afins. Atualmente, a Mata Atlântica é também território de habitação e resistência de povos indígenas, quilombolas e caiçaras que lutam para preservar o que ainda resta de mata originária (cerca de 7,9%) e reflorestar áreas desmatadas.

Por sua importância histórico-cultural, destaca-se o Complexo Florestal de Murici, unidade de conservação de proteção integral perto de Maceió, capital de Alagoas. As matas desta unidade de conservação foram cenário de lutas, lugar de refúgio estratégico para pessoas escravizadas em fuga e de sobrevivência de revoltosos, em diferentes períodos. No final da década de 1590, por exemplo, o Quilombo dos Palmares, marco da resistência dos povos africanos escravizados no Brasil, estabeleceu-se na região de densa mata, com terreno íngreme. Em 1832, a Cabanada eclodiu nas matas do Norte de Alagoas, com a chegada do bando de Antônio Timóteo, na área de Panelas de Miranda. A rebelião, que durou três anos, reuniu índios, negros foragidos, posseiros pobres e grandes proprietários de terra, chegou a comandar várias cidades e ensaiou um novo tipo de sociedade.

Os povos-testemunho, uma minoria sobrevivente aos anos de colonização, continuam sendo expulsos de seus territórios e os remanescentes tentam adequar-se à pesca industrializada, ao desenfreado turismo, à especulação imobiliária e aos projetos de parques eólicos, atividades que ameaçam sua existência física e cultural.

---

4 As fontes consultadas para a narrativa sobre a resistência dos povos testemunho foram as seguintes: Vainfas (1995) e CIMI (2019).

## 2.2 Quilombo dos Palmares: A rebelião dos braços negros que produziam açúcar branco nos canaviais verdes<sup>5</sup>

No Brasil colonial, há registros de fugas de escravizados africanos desde finais do século XVI, em decorrência dos maus tratos, das precárias condições de vida e dos anseios de usufruir de liberdade religiosa e social. O enfraquecimento dos portugueses após a invasão holandesa da capitania de Pernambuco, em 1630, facilitou as evasões e fortaleceu a resistência do Quilombo dos Palmares, situado em área de difícil acesso na Serra da Barriga, em Alagoas. A localização estratégica dos mocambos, pequenos grupos que estruturaram a confederação quilombola, auxiliava na defesa contra as inúmeras expedições, que falharam durante anos. Palmares chegou a ter cerca de 20 mil moradores, contando inclusive com a presença de índios, que buscavam a liberdade e viviam da policultura e do escambo com localidades próximas.

Após a expulsão dos holandeses de Pernambuco, as batalhas contra Palmares aumentaram e o território dos mocambos foi diminuindo. Quando Ganga Zumba, guia político e espiritual do quilombo, aceita o acordo de paz dos portugueses, o guerreiro Zumbi passa a liderar a resistência. O governo pernambucano recorre ao bandeirante Domingos Jorge Velho para destruir Palmares. As tropas e canhões de Jorge Velho obtêm pequenas vitórias, enfraquecendo o principal mocambo até sua total aniquilação.

Considerado o mais importante quilombo da América Latina, este pedaço da África no Brasil, resistiu por quase um século (por volta de 1597 a 1694) às investidas bélicas de portugueses e holandeses. Sua memória está viva e em 20 de novembro de cada ano, data do assassinato de Zumbi, se comemora o Dia da Consciência Negra.

## 2.3 Confederação do Equador: movimento emancipacionista e republicano no Brasil Império<sup>6</sup>

A Confederação do Equador teve início no ano de 1824, em Pernambuco, espalhando-se rapidamente para outras províncias (Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba) próximas à linha do

---

5 As fontes consultadas para a narrativa sobre o Quilombo dos Palmares foram as seguintes: Carneiro (2011), Reis (2012) e Silva (2014).

6 As fontes consultadas para a narrativa sobre a Confederação do Equador foram as seguintes: Câmara (1924), Ibiapina (1926) e Mello (2004).

Equador. Este movimento político, de caráter emancipacionista e republicano, foi largamente inspirado pelos ideais liberais e iluministas da revolução pernambucana de 1817. Apesar de sua curta duração, apenas setenta dias, a última revolta separatista do período colonial reforçou a necessidade da coroa portuguesa criar tropas militares no Brasil, para manter a unidade nacional, dissipar as ideias republicanas e punir os rebeldes.

Após a independência, D. Pedro I convocou uma assembleia constituinte para estruturar no Brasil um estado unitário monárquico. A carta magna desagradou o imperador, pois dava maior autonomia ao poder legislativo e às províncias, levando-o a dissolver a assembleia, sob o argumento de que esta poderia ameaçar a independência do império. Assim, em 1824, foi proclamada uma nova constituição, fundamentada na centralização política que garantia ao imperador autoridade para indicar e destituir os presidentes de província e os conselhos de estado.

Tais fatos geraram forte descontentamento, principalmente, entre intelectuais, padres, jornalistas e militares da província de Pernambuco, reavivando os sentimentos da revolta de 1817. O estopim da Confederação do Equador foi a indicação pelo imperador de um governador de sua confiança, desautorizando o nome escolhido pela elite pernambucana. A participação de segmentos populares constituiu um dos diferenciais deste movimento revolucionário que defendia um projeto de república para a emergente nação, um sistema moderno de governo com autonomia política para as províncias e o fim do tráfico de escravos, ideias que circulavam pelos jornais *Typhis Pernambucano* e *Diário do Governo do Ceará*<sup>7</sup>.

Sob o comando do almirante britânico Thomas Cochrane, as forças militares do império atuaram com rapidez para colocar fim ao movimento emancipacionista. Durante a campanha, foram feitas promessas de anistia, como forma de cessar os conflitos e dividir os revolucionários. Contudo, a maioria dos líderes foi executada como inimiga da pátria e centenas de revoltosos foram presos e mortos ou fugiram para o sertão, onde tentaram manter o movimento vivo. Porém, este perdeu força no mesmo ano em que começou.

---

7 O *Typhis Pernambucano* era editado por Frei Caneca e o *Diário do Governo do Ceará* pelo Padre Mororó. Caneca e Mororó foram os principais líderes do breve movimento.



#### 2.4 Guerra de Canudos: Uma República banhada no sangue dos sertanejos em luta contra o Exército brasileiro<sup>8</sup>

Em 15 de novembro de 1889, um golpe militar instaura o regime republicano e a separação entre Igreja e Estado no que hoje chamamos de Brasil; mas a drástica mudança só é percebida nos sertões mediante a cobrança de pesados tributos e a imposição de um sistema padronizado de pesos e medidas, em desacordo com valores regionais. Em 1893, Antônio Conselheiro lidera no interior baiano um protesto contra o preço da madeira prescrito pelo governo republicano e reúne um grupo de fiéis em um povoado às margens do rio Vaza-Barris<sup>9</sup>. Nascia a comunidade religiosa de Belo Monte que chegou a ter em torno de 25 mil pessoas, 4 mil casas e um comércio comunitário, além da igreja de Bom Jesus. Nascia a comunidade religiosa de Belo Monte que chegou a ter em torno de 25 mil pessoas, 4 mil casas e um comércio comunitário, além da igreja de Bom Jesus.

Mais conhecida pelo nome dado por seus inimigos, Canudos passou à história oficial como um movimento messiânico e monarquista no sertão da Bahia. Mas a guerra de Canudos é igualmente lembrada como exemplo de resistência camponesa de idosos, jovens e crianças que se organizaram para sobreviver em meio ao latifúndio e ao trabalho servil, enfrentando até a morte o Exército brasileiro. Supostamente inimigo da república, Antônio Conselheiro pregava nas estradas a salvação para sertanejos que, sem acesso à terra e à água, fugindo da seca e da fome, o seguiam em busca de uma vida menos caçada e árdua, obedecendo às leis de Deus.

Nos jornais da capital, o arraial de Canudos era apresentado como um foco de monarquistas que desejavam derrubar a recém-instalada república. Também era visto como ameaça pela Igreja, que combatia as formas de catolicismo popular, e pelos latifundiários, que temiam um sistema de trabalho em que rebanhos e lavouras pertenciam a todos. Em 1896, ocorreu o primeiro

---

8 As fontes consultadas para a narrativa sobre Canudos foram: Costa (2017), Essus (1993) e Monteiro (2009).

9 Peregrino religioso, nascido no Ceará, que pregava pelos sertões da Bahia e de Sergipe, seguido por devotos.

enfrentamento do exército e as expedições não pararam, até que uma tropa com mais de 8 mil soldados, de várias regiões do território brasileiro e grande poderio bélico, destruiu o arraial.

Os que escaparam da guerra retornaram e reergueram Canudos. Na década de 1960, foi construída uma represa e seus moradores foram remanejados para uma área vizinha, onde levantaram, pela terceira vez, o arraial. Hoje, o Parque Histórico de Canudos, área de preservação natural e cultural, sedia lugares fundantes da memória nacional, eternizados por Euclides da Cunha (1984 [1902]) e Vargas Llosa (1981).

### 2.5 Ligas camponesas: A luta pela terra e a ditadura civil-militar<sup>10</sup>

As ligas camponesas se originaram da insatisfação de trabalhadores rurais com a violência de fazendeiros, a sistemática expulsão do local onde viviam e plantavam há gerações, a superexploração da força de trabalho e as precárias condições de subsistência. Em 1945, com apoio do recém legalizado Partido Comunista Brasileiro (PCB), os trabalhadores do campo se organizaram em uma associação civil com a pretensão de lutar por reivindicações trabalhistas e fundiárias. O movimento sofreu severa repressão por parte dos latifundiários e do governo, mas, entre 1948 e 1954, ocorreram mobilizações, congressos rurais, partilha de práticas de resistência e formação de uma agenda comum de luta.

O ano de 1955 marca o renascimento das ligas com a criação da Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuaristas de Pernambuco, no Engenho Galileia, cujo intuito original era tão somente prover despesas funerárias, prestar assistência e formar uma cooperativa de crédito. Com apoio do advogado e deputado pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), Francisco Julião, em 1959, ocorreu a desapropriação do engenho, estendendo a abrangência das ligas camponesas nacionalmente, com grande concentração em Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro, Goiás e Paraná. A projeção

---

10 As fontes consultadas para a narrativa sobre as ligas camponesas foram J. M. Alves (2014), J. F. Alves (2017) e Brito (2015).

deveu-se, ainda, ao discurso da mídia e das elites de que o Nordeste era uma região-problema, caracterizada por seca, miséria, fome, índices altos de mortalidade e baixos índices de saúde e educação, constituindo-se, enfim, em uma das representações do atraso.

Até o golpe de 1964, foram 10 anos de organização popular no campo, ocupação de engenhos e outras ações de impacto político, com destaque para a reforma agrária. No período inicial da ditadura civil-militar, as ligas estiveram no foco de perseguição, sendo legalizado e ampliado o uso do aparato de força do Estado para reprimir com prisão, tortura e morte os que reivindicavam seus direitos. Aguerriadas lideranças tornaram-se mártires no imaginário popular e alimentam, ainda hoje, a mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); um deles, João Pedro Teixeira, da Liga de Sapé, na Paraíba, teve seu nome inscrito no Livro dos Heróis da Pátria (lei nº 13.598/2018).

## 2.6 Da capoeira ao rap: Manifestações culturais de rebeldia<sup>11</sup>

A capoeira constitui uma forma de luta e dança que revela a comunhão e a celebração das populações negras escravizadas na diáspora transatlântica. Não se tem consenso sobre a etimologia da palavra: Alguns consideram que tem origem indígena, significando capoeira, mato raso; outros que o termo está associado a um cesto artesanal de palha, usado para carregar diversos produtos.

Embalada por toques de atabaques, palmas, cantigas e berimbau, a capoeira teve o poder de unir os evadidos dos engenhos, os libertos e os marginalizados. Foi instrumento de resistência, nos tempos de colonização e do império, utilizado na defesa dos quilombos, e de expressão cultural em rituais de religiões africanas. Sua proibição legal na primeira República não inibiu a solidariedade que proporciona aos praticantes, presente nas saudações durante a roda. A capoeira é um jogo de luta e dança, que se manifesta no exercício plástico do corpo, nos movimentos cheios de malícia, nos golpes rasteiros, no gingado para confundir

---

11 As fontes consultadas para a narrativa sobre a capoeira e o rap foram P. Oliveira (2018), C. Oliveira (2019) e Adorno (1999).

o adversário. Segue praticada como expressão de habilidades dos sujeitos periféricos, um meio de revelar sua cultura, origem e identidade, mas, a exemplo do samba, adquiriu notoriedade como símbolo da cultura brasileira.

Na atualidade, as trocas culturais mais intensas têm possibilitado que manifestações que fazem parte da imaginação popular como o maculelê, o lundum, o maracatu, o frevo, a embolada, o repente, entre outros sejam incrementadas com a adesão do *rap*. A expressão artística Ritmo e Poesia, por meio da rima, é uma ferramenta sofisticada para utilizar a palavra para desferir a rasteira contra as formas de repressão do sistema: a perseguição policial, o encarceramento em massa, a homofobia, o racismo e a desigualdade social. O *rap*, advindo do movimento *hip hop*, significa esta arte que proporciona aos sujeitos oprimidos e marginalizados, a emancipação cultural e política, reafirmando a identidade coletiva, numa estética nova e híbrida, de subversão.

### **3 Representações culturais**

Em diversas obras, literárias, cinematográficas, musicais, observamos uma representação de um padrão do que seria o comportamento do nordestino. Se fala da seca, do povo sofrido, que enfrenta a fome e resiste às mazelas sociais, ao mesmo tempo que se realçam as praias, a beleza litorânea, que é quase um patrimônio nacional, e a hospitalidade de uma gente acolhedora e que faz graça para os outros rirem.

Como surgiu no imaginário nacional a ideia de um Nordeste “primitivo, atrasado, fanático, pobre e subdesenvolvido”? Por um lado, há uma interpretação corriqueira de que as elites intelectuais nordestinas do século XIX construíram essa imagem de região carente de ajuda para a obtenção de recursos públicos que eram concentrados nas mãos de um pequeno grupo social, beneficiando as oligarquias. Por outro, é preciso ter em conta a construção da literatura regionalista nordestina, no século XX, na qual se destaca a prosa, que além de mostrar a realidade brasileira, busca incorporar temas e termos regionais, marcados principalmente pelo sofrimento nordestino. O regionalismo literário surge com o ímpeto de

um movimento cultural e político de intelectuais nordestinos, movimento esse que nunca chegou a se disseminar fortemente entre a população mais vulnerável. Essa literatura tem como fortes representantes Euclides da Cunha (1984 [1902]), Gilberto Freyre (2003 [1933]) e Djacir Menezes (2018 [1937]). Cada um desses autores tem uma perspectiva diferente sobre a região e o povo nordestino.

Como nada é nato, tudo é construído, as imagens do Nordeste brasileiro foram por muito tempo reforçadas pela literatura regionalista produzida pelos clássicos citados acima. Cada um dos três autores apresenta um ponto de vista diverso sobre a região. Euclides da Cunha (1984 [1902]) traz uma visão sobre a Campanha de Canudos, a partir de sua estadia de 20 dias na área do conflito. Mesmo sendo uma das obras mais complexas da literatura brasileira, em sua viagem, o autor faz uma leitura do movimento de Canudos, do clima, da paisagem e do povo, sempre com uma visão determinista, ao acreditar que o indivíduo é fruto do meio e da raça.<sup>12</sup>

Gilberto Freyre (2003 [1933]) revela seu pioneirismo na tentativa de identificar como se forma a família patriarcal e como emergem as características de miscigenação do povo brasileiro. Sua expectativa é de harmonização dos conflitos que se originam a partir das vivências observadas pelo autor entre negros e brancos do Recife, por exemplo. Fazendo um contraponto com a imagem de exploração da área litorânea da cana de açúcar, Djacir Menezes (2018 [1937]) retrata o semiárido, com suas extensas fazendas de criação de gado, que caracterizam a “civilização do couro e do algodão”, um cenário distinto de atividades produtivas e relações sociais no panorama da economia colonial.

Desde o período de surgimento da literatura regionalista, as obras sobre o contexto social e econômico nordestino que ganham prestígio nacional continuam a retratar certos estereótipos sobre a região e seu povo. Em 2022, após uma acirrada eleição presidencial em que o Nordeste sofreu com a extrema xenofobia do Sul e do Sudeste brasileiros, a emissora mais assistida do país lança a

---

12 Para Euclides da Cunha (1984 [1902]), o brasileiro autêntico está no sertão e o sertanejo é a rocha viva da nacionalidade.

novela *Mar do Sertão*, expondo diversas representações preconceituosas sobre o clima, o território, a cultura e a população. Na abertura da novela, já vemos a utilização de indumentárias clássicas na imagem nacional sobre o Nordeste, como a sandália de couro sobreposta a imagens de chão batido, caracterizando o vestuário e a geografia da região.

O Nordeste imaginado, em grande parte, pelas próprias elites nordestinas, fortemente ligadas ao mundo agrário, permitiu que se consolidasse a unificação nacional sob a égide do Sudeste, industrial e urbano, caracterizando uma espécie de colonialismo interno (GONZÁLEZ CASANOVA, 1963) ou desenvolvimento desigual. Este é provocado pela exploração de grupos considerados minoritários em uma sociedade nacional, o que gera uma série de disparidades sociais, políticas, econômicas e culturais, baseadas na ideia de superioridade de uma região sobre a outra.

Pensando serem os produtores da boa cultura, boa música, bom cinema e todas as formas de arte, os sudestinos e sulistas acreditam que dominam os moldes dessas produções e, diante dessa configuração, transformam tudo que é do Nordeste em sofrimento, fome e seca. Esse constante movimento de fora para dentro pode fazer com que o coletivo nordestino, na busca de valorização de nossa cultura, acabe por admitir essas representações sobre a região.

Tais representações, baseadas no forte movimento de colonialismo interno, possuem várias expressões culturais, sendo uma das mais conhecidas Luiz Gonzaga, o rei do baião, que se intitula um artista do Nordeste. Tomemos como exemplo sua música “Riacho do Navio”, em que o cantor estando em sua terra natal, fica “sem rádio e sem notícias das terras civilizadas”, dando a ideia de isolamento, de que o Nordeste está estagnado, de que é um lugar aonde as tecnologias não chegam e em que as pessoas são leigas. Outro aspecto fortemente marcado nas músicas do intérprete é a necessidade de afirmação da masculinidade nordestina, construída na expectativa de diminuir os homens de outras regiões brasileiras, por não saberem lidar com a dura realidade do vaqueiro. A idealização da figura masculina também está pautada no fortalecimento, de alguma maneira, da autoestima sob um discurso de exaltação da vida sofrida do sertão: mesmo que falte tudo, pelo menos são “homens de verdade”.

O papel de Luiz Gonzaga como pioneiro no fortalecimento da imagem do Nordeste é inegável. Enquanto cantava sobre a paisagem, o clima e o povo, o artista ajudava a difundir esses elementos regionais. Existem várias formas de interpretar seu trabalho e sua visão sobre a região, porém, acreditamos que o papel do rei do baião foi, sobretudo, na construção de uma cultura nordestina, a partir de sua produção histórica. À época em que começa sua carreira, nos anos 1920, têm início as instalações das primeiras emissoras de rádio no país; ou seja, começava uma nova dinâmica de (re)produção de informações e cultura. Então, a obra gonzagueana é contemporânea de uma articulação de interesses, que ressignificou os símbolos nordestinos, projetando o rei do baião em âmbito nacional (VIEIRA, 1993; 2000). Trata-se, certamente, de uma construção política, vista a reformulação no imaginário brasileiro do povo nordestino não sendo somente sofredor, mas também alegre e com uma cultura própria.

Luiz Gonzaga faleceu no fim dos anos 1980, porém deixou sua marca na cultura brasileira e um legado contemporâneo. Um dos frutos famosos de sua “nordestinidade mitológica” (ALBUQUERQUE JR, 2011) é Juliete Freire, vencedora de um *reality show* no Brasil, em 2021. A participante entra no *reality* com a intenção de representar os nordestinos. Enquanto cantava músicas de ícones da cultura nordestina, confirmava a sua narrativa, uma nordestina arretada que conseguiu vencer as barreiras sociais, por puro mérito, para quem quiser acreditar, formando-se em Direito. Durante sua trajetória no programa sofreu xenofobia, por seu sotaque, mas também teve falas problemáticas, em relação à comunidade LGBTQIAP+. Mesmo assim Juliete conquistou o público brasileiro e venceu com 90% dos votos. O Brasil virou um “mar de cactos” (forma como se identificam os fãs da ex-BBB).

Podemos, assim, perceber a construção de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008). Muitos desses “cactos” nunca viram ou irão ver esta celebridade ou ter acesso ao que ela obteve com essa vitória. Porém, ela representa os nordestinos, essa comunidade formada por uma empatia instantânea, provoca o fortalecimento de signos que, muitas vezes, nos diminuem em prol de um tipo de coletividade imaginada. Como se houvesse uma recompensa

prática em tornar Juliete milionária ou transformar o patrimônio de Luiz Gonzaga em uma cultura nordestina. Assim que sai do programa, a advogada e maquiadora se torna cantora. Com letras que expressam como sua jornada foi sofrida, afinal “rapadura é doce, mas não é mole, não”, que “ela veio do Sertão, onde o coco é seco demais e que o preconceito ela só engole com farinha”, além de falar de São João e de religiosidade, como seu antecessor. A campinense confirmou todos os ingredientes da receita de como se fazer uma heroína brasileira, rompendo o estigma do movimento de fora para dentro, pois deixa de ser uma figura regional para alcançar o *status* de prestígio nacional.

Mesmo na política existe um discurso de se transformar o Nordeste no Sudeste, a exemplo de Simone Tebet, candidata derrotada nas eleições presidenciais de 2022, que afirmou em evento político em Campina Grande (PB): “É importante nós entendermos que o interior do Brasil tem muito a oferecer para o Brasil. O Nordeste tem grandes potencialidades. Nós temos condições de transformar o Nordeste no que é o Sudeste. É isso o que queremos”. Não é disso que precisamos.

Há uma tendência em negar as capacidades intelectuais dos nordestinos. Por exemplo, a educação é desvalorizada e vista pelas regiões Sul e Sudeste do Brasil como subalterna, o que não se sustenta na prática visto os altos índices educacionais. Mesmo com níveis de acesso à educação sempre elevados, o reconhecimento da qualidade das nossas instituições de ensino superior, a vinda de pessoas de todo o país para prestar concursos na região, as medalhas conquistadas por estudantes nordestinos em olimpíadas científicas nacionais, o nosso conhecimento é ignorado e ainda persiste um discurso de que os nordestinos votam com a barriga e pelo assistencialismo. Porém, o Sul e o Sudeste não compreendem que nordestinos votam com interesses individuais e coletivos, que envolvem prosperidade e desenvolvimento social que beneficiam a nossa região, assim como qualquer outro grupo o faria.



#### **4 A fragmentação política da comunidade imaginada**

As relações entre nacional e o regional espelham processos históricos e, como dito anteriormente, o legado da colonização construiu um país desigual social e economicamente. Principal motor da economia colonial, a escravidão deixou como herança o “racismo estrutural” que permeia a cultura nacional, a sociedade e as instituições. Esses frutos do colonialismo reverberam em toda nação brasileira, na construção de estigmas como a seca, a fome e a criminalidade, considerados problemas naturais pela ciência evolucionista do final do século XIX e início do XX. No entanto, ainda são caracterizados desse modo no imaginário popular, embora saibamos que não tenham nada de natural, pois são antes de tudo questões sociais a serem superadas pelas políticas de Estado.

A seca, por exemplo, é quase o destino de vida de todo o povo nordestino, apesar desta adversidade ser enfrentada com frequência por outras regiões do país. No Nordeste esta questão levou a criação de órgãos institucionais como a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), liderada pelo economista Celso Furtado, que buscaram soluções de novas tecnologias de convivência com a seca. O problema da falta d’água mais do que um desafio natural, também é fruto da colonização sistêmica, já que as elites locais, grandes proprietários de terra e agropecuários, tinham bastante apoio do Estado brasileiro no enfrentamento da falta de recursos hídricos, mais do que a população trabalhadora do interior.

O efeito histórico da seca, causado pela herança colonial, tornou um processo natural de estiagem em um estigma, quase como se a região e o seu povo tivessem em seu destino a eterna superação deste problema. A fome e a segurança pública são obstáculos que abarcam a unidade nacional brasileira como um todo; contudo, no Nordeste são utilizados em formas discursivas e imagéticas para caracterizar e identificar a região como inferior e subalterna em relação ao Centro-Sul. Tal movimento mostra, mais uma vez, a relação entre imaginação e realidade; estas duas dimensões se retroalimentam na construção das vontades coletivas.

Não podemos discutir certa fragmentação da unidade nacional só por meio de imagens e estereótipos, mas buscar as raízes destes

imaginários na realidade material das coisas. Como as relações de poder influíram na cultura do patriarcado ainda muito presente em nossa sociedade? O projeto colonial da coroa portuguesa está na origem da questão regional, não por sua característica administrativa, mas por sua lógica de acumulação de capital. O modo como se processou essa dinâmica socioeconômica produziu seca, fome e racismo, além de outros aspectos a serem elencados a seguir (cf. MARTINS; GOMES, 2022):

- Desorganizou a vida das tribos indígenas originárias;
- Definiu os limites do território e garantiu seu domínio;
- Provocou um ambiente de guerra em que a violência era permanente e a resistência endêmica;
- Delimitou relações de poder, assentadas no latifúndio monocultor, em práticas escravagistas e na família patriarcal;
- Ensejou uma economia com vínculos variados, contínuos e profundos entre diferentes atividades e regiões;
- Influenciou instituições estatais e códigos jurídicos e voltados aos interesses das classes dominantes;
- Tornou o ambiente vulnerável e reduziu os recursos de sobrevivência da população;
- Formou uma sociedade complexa, multirracial e desigual.

Assim, Martins e Gomes (2022) mostram que o sistema de produção capitalista é indissociável tanto das questões sociais quanto das insurreições ocorridas no período colonial e imperial. Problemas e soluções, sejam elas de parte do próprio povo, serviram de alimento para a construção da nação ao longo do tempo. Contudo, esse processo de montagem revela muitas fraturas ainda não superadas, como o racismo e a questão agrária. As feridas expostas em 500 anos de imaginação colonial não sararam suficientemente para se costurar e atingir a intangível fraternidade entre os povos do Brasil.

Nos estudos da nação, vemos como característica a fraternidade e a solidariedade entre os sujeitos que a ela pertencem; já que comungam da mesma comunidade. O sentimento de pertencimento reforça os laços de afinidade, ainda que os indivíduos de

uma nação não se conheçam mutuamente, pois compartilham de uma história, uma cultura e um destino, o que gera empatia de identificação e reconhecimento. Entretanto as ligações solidárias e fraternas na nação brasileira não são tão sólidas no campo do imaginário coletivo por serem carregadas de preconceitos e estigmas. Nesta perspectiva as várias imagens da comunidade revelam a fragmentação da realidade política.

É o que aborda Daniel Gomes (2023) ao analisar as percepções individuais e coletivas acerca da regionalidade nordestina durante o segundo turno presidencial de 2018. O autor busca compreender como os estigmas sobre o Nordeste brasileiro, construídos desde a época da colonização, reaparecem e ganham novos contornos em recentes disputas políticas. No caso, as redes sociais ganham destaque quando são estudadas não só como veiculadoras de informação, mas também divulgadoras de imagens, estigmas e estereótipos acerca da região.

Daniel observou a relação entre nação e regiões no campo simbólico das redes sociais, em especial do Twitter, já que este aplicativo possui uma característica que permite ao usuário uma curta editoria própria sobre vários temas cotidianos. As imagens e “twitts” da eleição de 2018 vão desde a representação do mapa do Brasil e, em destaque, o Nordeste como um lugar dominado por uma suposta ideologia socialista/comunista. até imagens de valorização da região em agradecimento por salvar o país dos avanços da extrema direita/fascismo. Estas duas imagens juntamente com várias outras compõem o campo das lutas discursivas. O Nordeste nessa conjuntura está em disputa pelos campos da esquerda e da direita, num jogo de discursos e imagens que pretendem representar a nação e a região numa futura comunidade imaginada. Outras noções que compuseram o campo da disputa política de 2018 no imaginário nacional são aquelas relacionadas novamente à seca. Desta vez, o discurso ganha novos significados, como por exemplo a persistência da seca ser atribuída à “corrupção sistêmica” representada na figura de políticos que desviam recursos para fins pessoais. Em contrapartida, o campo da esquerda fundamenta o discurso na demonstração das políticas públicas efetivadas para o benefício da população nordestina.

A fraternidade supostamente harmoniza as particularidades regionais em torno da mesma nação, dissolvendo as divisões históricas por meio dos símbolos nacionais ou da língua, mas é interessante notar como o conflito é outro fator importante na construção da nacionalidade; ambos produzem relações sociais e constroem simultaneamente a comunidade nacional (GOMES, 2023). As eleições de 2018 mostram o papel destacado das redes sociais em relação à política e do conflito na sedimentação do imaginário nacional.

Em comunidades imaginadas, Anderson (2008) argumenta que uma peça-chave na construção das nacionalidades foi a revolução tipográfica, que permitiu a língua impressa uma solidez duradoura na forma de escrever e falar, combinada com o contexto de crescente publicação de livros e jornais, unindo as línguas, difundindo ideias e fortalecendo os vínculos por meio da escrita. Folhetos e romances foram preponderantes para condensar fatos, memórias e narrativas no que Anderson (2008) chamou de capitalismo editorial. Neste aspecto, os editoriais de imprensa e os partidos políticos são os principais instrumentos capazes de gerar consenso, formatando a opinião pública em torno do governo. Na atualidade, as mídias sociais impulsionadas pela lógica do mercado, capilarizaram os mecanismos do capitalismo editorial, formando campos de informação nem sempre confiáveis, mas preservando a mesma eficácia de mobilização de massas sobre a política.

A fragmentação política da comunidade imaginada ganhou contornos também no âmbito dos entes que compõem a República. A eleição presidencial de Bolsonaro em 2018 provocou bastante desgaste com os governos da região, sobretudo pelo baixo apoio eleitoral junto à população nordestina, levando a adotar discursos que indicaram o isolamento de novas lideranças regionais não alinhadas ideologicamente com a nova gestão presidencial. Essa situação ficou evidente com a intensificação das atividades do Consórcio do Nordeste, com a publicação das cartas repudiando as falas de cunho xenófobas do então presidente para com os habitantes da região, além de rejeitar parte da proposta da reforma da previdência.

Em 2020, o mundo foi assolado pela pandemia do vírus SARS-COV, mais conhecido como COVID-19. A conjuntura impôs aos governos nordestinos uma certa autonomia de combate à pandemia, desde o uso de máscaras e distanciamento social, visto que a ciência ainda não tinha um remédio ou vacina eficaz para controlar a contaminação e reduzir a mortalidade. O governo atual enfrentou a crise da COVID19 negando o seu potencial contagioso, e não adotou medidas de proteção ou prevenção por meio de campanhas nacionais de informação. Agiu negligenciando a compra de vacinas ou omitindo informações de interesse público, quanto ao número de vítimas ou infectados. Tais ações da administração federal levaram os governadores a concentrarem esforços por meio do Consórcio Nordeste. Montaram uma equipe regional para gerenciar soluções de combate à pandemia, compartilhando informações e negociando a compra de insumos hospitalares e leitos de UTI para que os sistemas de saúde não entrassem em colapso. Estas ações foram possíveis porque existe um sentimento de identidade regional e devido à urgência de medidas em meio à crise político-partidária e econômica.

Em períodos eleitorais, a fragmentação nacional se revela não só em imagens e discursos, mas também em ações. Neste caso as eleições de 2022, assim como as de 2018, demonstraram o intenso conflito entre nação e região, ilustrado pelo fato da Polícia Rodoviária Federal contrariar determinação do Supremo Tribunal Federal e elaborar abordagens a ônibus durante o dia do segundo turno presidencial. Naquela ocasião, segundo dados apurados pela imprensa<sup>13</sup>, foram realizadas ao todo 549 operações pela PRF: 272 delas no Nordeste, 122 no Centro-Oeste, 59 no Norte, 48 no sudeste e 48 no sul. Chama a atenção que quase metade destas operações foram realizadas no Nordeste, região do país em que Lula obteve o maior número de votos.

A seguir, analisamos parte do discurso da vitória do candidato Luiz Inácio Lula da Silva, no qual faz uma compilação de imagens da nação, após uma disputa intensa e crítica em que esteve em risco o estado democrático de direito. No caso, o presidente

---

13 Cf. Camargo e Falcão (2022).

eleito falou em tom pacificador, de harmonia, remetendo à ideia de fraternidade ao indicar a nossa união por meio de símbolos nacionais, como a bandeira. Em determinado momento na leitura do texto, Lula apontou para a questão de não existirem dois brasis:

A partir de 1º de janeiro de 2023 vou governar para 215 milhões de brasileiros, e não apenas para aqueles que votaram em mim. Não existem dois Brasis. Somos um único país, um único povo, uma grande nação, não interessa a ninguém viver numa família onde reina a discórdia. É hora de reunir de novo as famílias, refazer os laços de amizade rompidos pela propagação criminosa do ódio. A ninguém interessa viver num país dividido, em permanente estado de guerra. Este país precisa de paz e de união. Esse povo não quer mais brigar. Esse povo está cansado de engergar no outro um inimigo a ser temido ou destruído.<sup>14</sup>

Aqui fica claro o tom de conciliação entre sujeitos que compõem a comunidade imaginada, também há o reconhecimento de um país em conflito expresso pelo termo “guerra” e, para superação dos antagonismos, o uso dos termos “paz” e “união”. Em todo o texto não há nenhuma menção às regiões, ou ao tensionamento entre elas, ou agradecimento a uma localidade específica. O discurso é mais um ato político de unificação do Estado e de rearranjo das forças políticas. Entretanto, em outra fala naquela mesma noite, proferida para milhares de seus apoiadores na Avenida Paulista em São Paulo, dessa vez num tom mais informal, Lula agradece ao Nordeste pela votação expressiva: “Eu quero agradecer aos 215 milhões de habitantes, mas o povo do Nordeste merece uma palavra especial, porque aquele povo foi muito porreta, no primeiro, no segundo, na eleição da Dilma, na minha primeira eleição, e vai ser muito porreta para ajudar a gente a governar esse país...”

É interessante perceber que nos dois discursos, apesar de similares, há direcionamentos opostos. O primeiro é uma fala a toda a nação brasileira sem detalhar regiões, para a urgência de unificar o país, não só apelando aos valores de harmonia e paz,

---

14 Cf. Leia... (2022).

mas almejando a conquista de direitos. Sobre este ponto vale ressaltar que a igualdade de direitos é uma constante promessa, constituindo uma das principais características da comunidade nacional (DOMINGOS NETO; MARTINS, 2006). Na segunda fala, o foco são os apoiadores, há o agradecimento especial ao povo nordestino reconhecendo sua importância para a vitória, o histórico em eleições passadas e a posição estratégica para o sucesso do novo governo. Aqui o protagonismo da região na disputa política expressa a fragmentação da nação. Como vimos essa divisão carrega o peso da colonização e escravidão históricas nas relações sociais do Brasil, e que se intensifica em épocas de eleição através dos discursos e das imagens que estão presente no imaginário nacional.

## **5 Considerações finais**

Há muito tempo, a região Nordeste é vista como a região-problema dentro do imaginário brasileiro. Porém, é preciso entender que esta visão foi construída e vem sendo alimentada, a partir de ideias xenofóbicas que se formaram na história nacional., como a de um “Nordeste atrasado”, “sem educação” e “que não sabe votar”.

Podemos aventar a hipótese de que a região, por ser palco de insurreições que revelavam fraturas na coesão nacional, precisava ser punida por sua rebeldia contra o sistema econômico e político dominante. O Nordeste constituiria uma ameaça ao mito de unidade da grande nação brasileira e qualquer tendência separatista deveria ser castigada exemplarmente.

Ao longo do último semestre, o grupo de estudos Nação e Região, do Observatório das Nacionalidades, vem realizando leituras diversas e refletindo sobre o Nordeste imaginado pela nação brasileira, principalmente durante as eleições, levando em conta o protagonismo da região no pleito presidencial. Então, o grupo tem se debruçado em seus encontros semanais sobre a xenofobia e os estigmas presentes em nossa sociedade, o uso das mídias sociais na construção do imaginário regional e nacional. No segundo turno de 2022, foi feita uma série de propagandas políticas com “temáticas nordestinas”, elementos simbólicos como o uso do

chapéu de couro, as paisagens da seca ou os laços familiares dos candidatos com o povo da região.

Discutimos a construção do “Nordeste”, através dos ícones culturais, como Luiz Gonzaga, contextualizando o papel do Rei do Baião na emergência dos novos meios de comunicação, a exemplo do rádio. Tendo um papel pioneiro na construção dos símbolos nordestinos, nos anos 1930, Gonzaga leva a “região para a nação”, com essa cultura gonzagueana, incluindo características sobre o clima, o povo, os animais, a fala, a religiosidade, que sofreram, por vezes, uma caricaturização no imaginário nacional.

A imagem estereotipada de um Nordeste pobre e cheio de mazelas sociais, atravessa a produção de conteúdo para o entretenimento (programas de TV, publicidade, novelas, filmes), chegando na política partidária brasileira, por exemplo, quando vemos, no último pleito presidencial, planos de governo de alguns candidatos, tendo a seca como a principal causadora dos problemas sociais, sem abordar as contradições materiais que permeiam tais questões.

Apresentamos breve trajetória de resistência dos nordestinos em mais de 500 anos de história da nação brasileira. Insurreições pouco lembradas e desconhecidas do imaginário popular nacional, que tiveram contribuição relevante na criação de uma identidade regional forte e muito viva nos dias de hoje, que vem desde a literatura regionalista clássica dos anos 1930 à música de Luiz Gonzaga e à poesia marginal. Estes aspectos entram em disputa no campo político e expressam as diferenças entre nação e região, revelando uma fragmentação política da comunidade nacional não só no imaginário popular, mas também nas políticas públicas.

Por fim, quando pensamos em nação imaginamos uma sociedade com uma cultura particular e os sujeitos que nela vivem compartilhando a expectativa de um futuro comum promissor especialmente quanto a direitos<sup>15</sup>. Contudo, esse pensamento que

---

15 Certos elementos culturais são escolhidos como distintivos da nação - por exemplo o samba, mas não o baião - o que denota uma opção política, seja pelo interesse do Estado em promover um senso de coletividade, seja para uma região ou uma unidade federativa como o Rio de Janeiro elevar sua cultura a “nacional” e sugerir que as demais seriam “locais”.



não se sustenta cientificamente, quando percebemos as diferenças regionais que compõem a nacionalidade, é extremamente poderoso politicamente. Pois as regiões são construções políticas para determinar o lugar físico, mas sobretudo simbólico das coisas e das pessoas na nação. Talvez por incorrer no erro de aprender que o conceito de nação é categoria fechada que limita as singularidades subjetivas e coletivas. Nação é uma construção social em constante mudança pelas várias imaginações que formam esta comunidade. Neste processo, existe uma tensão permanente entre conflito e solidariedade e as distinções entre região e nação que fazem parte do movimento contínuo de construção da nacionalidade.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, C. **A arte da Capoeira**. 6. ed. Goiânia: Kelps. 1999.
- ALBUQUERQUE JR, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, J. M. de M. **Memorial das ligas camponesas**: Preservação da memória e promoção dos direitos humanos. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- ALVES, J. F. Resistência e memória na Paraíba: A liga camponesa de Sapé. **EMBORNAL**: Revista Eletrônica da Associação Nacional de História/Seção Ceará, v. VIII, n.15, p. 49 - 63, 2017.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BRITO, R. J. B. A. de. A luta camponesa e a repressão durante a ditadura empresarial-militar (1964 -1985). **Revista Habitus**: Revista de graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, v. 13, n. 1, p. 72 - 87, 2015.
- CÂMARA, T. A Confederação do Equador - José Martiniano de Alencar. **Revista do Instituto do Ceará**, tomo especial 1, p. 273 - 355, 1924. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Verapresentacao/RevPorAno/1924TE>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- CAMARGO, I.; FALCÃO, M. PRF descumpra ordem do TSE e para pelo menos 610 ônibus de eleitores em blitz; Moraes intima diretor-geral. **Portal G1**, [online], 30 out. 2022. Política. Disponível em: <https://g1.globo>.

com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/30/prf-descumpre-ordem-do-tse-e-faz-pelo-menos-514-operacoes-de-fiscalizacao-contra-onibus-de-eleitores.ghhtml. Acesso em: 20 mar. 2023.

CARNEIRO, E. **O Quilombo dos Palmares**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2011.

CIMI - Conselho Indigenista Missionário. **Relatório Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil**. Brasília: CIMI, 2019.

COSTA, C. **Cronologia resumida da guerra de Canudos**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. 2017.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 [1902].

DOMINGOS NETO, Manuel; MARTINS, Mônica Dias. Significados do nacionalismo e do internacionalismo. **Tensões Mundiais**: Revista do Observatório das Nacionalidades, v. 2, n. 1, p. 80 – 111, 2006.

ESSUS, A. M. M. de S. A. O olho da história: Análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de Canudos. **Revista do Arquivo Nacional**, v. 6, n. 01/02, p. 25 - 40, 1993.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. Recife: Global Editora, 2003 [1933].

GONZÁLEZ CASANOVA, P. Sociedad plural, colonialismo interno y desarrollo. **América Latina**: Revista del Centro Latinoamericano de Investigaciones en Ciencias Sociales, v. VI, n. 3, p. 1 - 19, 1963.

GOMES, D. de O. R. Imagens do Nordeste. In: \_\_\_\_\_. **O Nordeste brasileiro e o segundo turno presidencial de 2018**: Pistas para estudar a relação regiões-nação. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.

IBIAPINA, J. de M. Confederação do Equador. **Revista Trimensal do Instituto do Ceará**, tomo XL, a. XL, p. 83 – 90, 1926 Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Revapresentacao/RevPorAno/1926/1926-ConfederacaoodoEquador.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

IRIBARRY, I. N. Aproximações sobre a transdisciplinaridade: Algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe. **Revista Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 483 – 490, 2003.

LEIA a integra do discurso de Lula na Avenida Paulista. Uol Notícias, [online], 31 out. 2022. Eleições 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/31/leia-a-integra-do-discurso-de-lula-na-avenida-paulista.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MARTINS, M. D.; GOMES, D. R. Nação e região: o Nordeste brasileiro no imaginário nacional. In: ARANCIAGA, I.; VERNIK. E. (coords.). **Numen de la Patagonia**: Nación, tiempo y territorio. Río Gallegos: Universidad Nacional de la Patagonia Austral, 2022. p. 41 - 64.

MELLO, E. C. de. **A outra Independência**: O federalismo pernambucano de 1817-1824. São Paulo: Editora 34, 2004.

MENEZES, D. **O outro Nordeste**. 3. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2018

MONTEIRO, V. S. V. Canudos: guerras de memórias. **Mosaico**, v. 1, n. 01, p. 84 – 92, 2009.

OLIVEIRA, P. H. P. **Expressões Identitárias No Rap Nordestino**. Trabalho de conclusão do curso (Licenciatura em História) — Centro de Humanidades, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2018.

OLIVEIRA, C. Poéticas contemporâneas: Lirismo, coletividade e resistência na poesia do *rap*. **Revista Aguávida**, v. 4, n. 1, p. 18 – 42, 2019.

REIS, A. M. B. dos. **Zumbi**: Historiografia e imagens. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2012.

SILVA, A. V. da. Quilombo dos Palmares: historiografia do período colonial. In: Encontro Estadual de História (ANPUH), 12., 2014, São Leopoldo/RS. **Anais...** [s.l.]: [s.n.], 2014.

VAINFAS, R. **A heresia dos índios**: Catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

VARGAS LLOSA, M. **A Guerra do Fim do Mundo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

VIEIRA, S. **O sertão em movimento**: A dinâmica de produção cultural. São Paulo: Annablume, 2000.

\_\_\_\_\_. Metáforas do sertão: Linguagens da cultura na música de Luiz Gonzaga. **Revista de Ciências Sociais**, v. 23 – 24, p. 127 – 148, 1993.